

Ivo Perelman mostra que é possível viver de jazz de vanguarda nos Estados Unidos

Saxofonista brasileiro radicado em NY tem oito CDs lançados só este ano

José Domingos Raffaelli

Diz o ditado que ninguém é profeta em sua terra. De certa forma, isso se aplica em relação ao saxofonista Ivo Perelman, que há 17 anos toca jazz nos EUA. Sua cotação no país do jazz é alta e reflete-se no fato de que ele vai fechar o ano com oito CDs editados em seu nome em 97, um recorde inimaginável para um músico brasileiro de qualquer área ou estilo, principalmente considerando que Ivo toca exclusivamente jazz de vanguarda, um gênero considerado comercialmente difícil.

— O tipo de jazz que toco não é praticado pela maioria dos músicos, mas encontrei boa receptividade — diz Ivo. — Há grande quantidade de bons músicos do chamado jazz de cartilha e quem toca outro tipo de música, como eu, é apoiado imediatamente.

A discografia de Ivo tem 17 itens em seu nome, outro recorde para um músico brasileiro que to-

ca exclusivamente jazz nos EUA. Um deles, "En adir" ("o ser superior", em hebraico), foi lançado no Brasil pela Eldorado.

— O mercado de discos para o jazz de vanguarda é muito restrito em comparação ao jazz mais convencional, mas o público é fiel e receptivo — diz, acrescentando que está lançando agora um CD gravado ao vivo, com Rashid Ali e William Parker.

Ivo diz que energia criativa de sua música é quase tribal

Para o saxofonista, a cena jazzística de Nova York é conservadora, o que, na opinião dele, não é bom nem ruim.

— O jazz mais conservador vende bem, o dinheiro precisa circular — explica. — Mas a vanguarda está conquistando espaço junto aos jovens. Eles encontram na energia da minha música uma identificação com o rock. É uma energia criativa quase tribal.

Ivo foi atraído pelo chamado free jazz há anos. Ele conta que,

antes, se sentia amarrado a uma camisa-de-força, improvisando conforme as regras melódicas, harmônicas e rítmicas.

— Sentia que não encontrava um meio para extravasar minha emoção. Tocando vanguarda pude encontrar meu estilo — diz.

Ele antevê uma nova realidade para o jazz no futuro próximo. Ivo lembra que os métodos de Charlie Parker e John Coltrane foram levados às últimas conseqüências, abrindo caminhos e apontando tendências inovadoras.

— Hoje vemos o valor deles. Existe uma nova tradição, mas dentro de três ou quatro décadas será apenas a tradição do jazz. Hoje há muitos músicos bons, mas o futuro dirá se eles serão grandes — diz.

Ivo está convencido de que é possível viver tocando jazz de vanguarda:

— Eu sou um exemplo disso. O que Wynton Marsalis faz hoje seria impossível há três décadas. Hoje há lugar para todos. ■